CARTAS A

Inimá

1952 - 1957

Impressões e experiências na construção
da sensibilidade artística de Inimá

Belo Horizonte 2020

MINISTÉRIO DA CIDADANIA
APRESENTA:

Cartas a Inimá (1952 - 1957): Impressões e experiências na construção da sensibilidade artística de Inimá.
Corpyrigth c by André Luiz Rocha Mattos Caviola.

Revisão:

Frederico L. Moreira
Loque Arcanjo Júnior
Maria Alice de Souza

Acervo Documental e Artístico:

Museu Inimá de Paula

Data da edição: Junho/2020

Lei de Incentivo à CULTURA

Patrocínio:

CEMIG NOSSA ENERGIA, SUA FORÇA

MINAS GERAIS GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.

Localiza Hertz

Realização:

Museu Inimá de Paula

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DA CIDADANIA

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

Agradecimentos

Agradeço à diretoria da Fundação Inimá de Paula, por me conceder acesso ao acervo documental e artístico da instituição, o que tornou possível a realização dessa pesquisa com total dedicação e afinco.

Aproveito a oportunidade para estender meus agradecimentos aos demais colegas de trabalho pela contribuição e ajuda ao longo da pesquisa.

André Caviola

Introdução

André Caviola[1]

Inimá José de Paula (1918 – 1999) foi um artista mineiro, natural da cidade de Itanhomi, localizada na região do Vale do Aço. Seu trabalho tem como principal característica o uso intenso das cores, o que o levou a ser reconhecido, ao longo de sua trajetória, pela crítica artística, como o "fauve brasileiro" ou "mestre das cores". O seu primeiro contato com as artes foi em Juiz de Fora, a partir do ano de 1938, ao conhecer e frequentar o núcleo Antônio Parreiras, na companhia de outros integrantes que viriam a se tornar artistas, como Carlos Bracher, Manfredo Souza Neto, Roberto Vieira, Lotus Lobo e Arlindo Daibert. Na década de 1940, Inimá mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro. Na capital fluminense, associou-se a intelectuais artistas como Pancetti, Sigaud, Manoel Santiago, Milton Dacosta e Yoshiya Takaoka, todos associados ao movimento moderno, que acontecia no país, pelo menos, desde a década de 1920.

No ano de 1944, uma proposta mais atrativa de trabalho como retocador fotográfico fez Inimá mudar-se do Rio de Janeiro para Fortaleza. Juntamente de Antônio Bandeiras, Aldemir Martins, Mário Barata, Jean Pierre Chabloz, Raimundo Feitosa e Carmélio Cruz, fundou a Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP), implementando o modernismo artístico no Ceará. A partir da

necessidade desses artistas se firmarem no cenário artístico nacional, ocorre a mudança de seus integrantes para o Rio de Janeiro, o que acarretaria, na sequência, no próprio rompimento do grupo. Apesar de ter realizado exposições anteriormente, sua primeira mostra individual ocorreu no ano de 1948, com o apoio de Cândido Portinari, na cidade do Rio de Janeiro.

Dentre os vários prêmios recebidos ao longo de sua atuação como artista, destacam-se o de 1952, prêmio de *Viagem ao Estrangeiro*, dado pelo Salão de Arte Moderna, o que levou Inimá a Paris no ano de 1954, quando estudou com André Lothe e Gino Severine; o de 1970, *Palma de Ouro*, como melhor pintor mineiro; e o de 1972, *Membro Fundador e Vitalício do Salão de Belas Artes Brasil – Japão.*

Ao longo de sua produção, apropriando-se das linguagens estéticas e adaptando-as à realidade nacional de então, Inimá ficou conhecido por sua sensibilidade para pintar naturezas-mortas, cenas, paisagens, retratos e autorretratos aliada às estéticas pós-impressionistas, como o expressionismo e o fauvismo.

Ao final de sua vida, no ano de 1998, Inimá participou da criação da Fundação Inimá de Paula, com o objetivo de catalogação e registro de suas obras. Até o momento, quase dois mil exemplares já foram reconhecidos pelo trabalho da Fundação. Em 2008, com cerca de 120 peças expostas, entre

pinturas e objetos ligados ao artista, foi inaugurado o Museu Inimá de Paula, localizado no centro da cidade de Belo Horizonte.

Foi esse acervo, salvaguardado e administrado pela Fundação Inimá de Paula, que possibilitou a realização desta pesquisa. Portanto, este trabalho que aqui se inicia, é resultado de minha atuação enquanto coordenador de arte e educação do Museu Inimá de Paula e das pesquisas que realizo no acervo da instituição para municiar as minhas atividades ligadas à curadoria de exposição do artista e à elaboração de materiais ligados à sua produção. Dessa forma, dentro do campo do patrimônio, este artigo tem como objetivo a construção de significados sobre o acervo a partir dos profissionais que atuam diretamente com ele.

Inimá de Paula:
A revalorização do indivíduo na História

Se considerarmos a história como o estudo dos homens no tempo, como afirma Bloch (2001), podemos entender a história como sucessão processual. A sua escrita é realizada no presente e necessita de certo distanciamento do acontecimento para ter inteligibilidade. Portanto, a cada presente, novos problemas surgem e o olhar para o passado passa a ser calibrado de acordo com as demandas do atual tempo.

Segundo José Carlos Reis, a história é reescrita por duas razões principais:

> Em primeiro lugar, pela especificidade mesma do objeto do conhecimento histórico: os homens e as sociedades humanas no tempo. (...) Em segundo lugar, a história é reescrita porque o conhecimento histórico muda, acompanhando as mudanças da história. Novas fontes, novas técnicas, novos conceitos e teorias, novos pontos de vista levam à reavaliação do passado e das suas interpretações estabelecidas (REIS, 2006, pp. 7-10).

Assim como cada tempo histórico possui suas especificidades próprias, a noção de história e o seu arcabouço teórico-metodológico como, também, os seus objetos, mudam. Para os metódicos, dito positivistas, a história deveria se pautar no estudo dos fatos históricos ligados à política e suas fontes seriam os documentos oficiais. No entanto, atualmente, tornam-se objeto de estudo do campo do historiador a cultura, a economia, a tradição, a modernidade, dentre outras

Segundo Gomes (1998, p. 124) a partir dos anos 1980, observou-se uma revalorização do indivíduo na história e, consequentemente, ao que ela denomina de boom dos arquivos privados que são, cada vez mais, procurados como fontes de pesquisas para o ofício do historiador.

No caso de Inimá de Paula, enquanto objeto de pesquisa, apesar de sua extensa trajetória e reconhecimento na arte em nível regional e nacional, existem poucos estudos na academia. Em pesquisa bibliográfica realizada, o único estudo encontrado é a dissertação de Martis (2011) intitulada *Outro modernismo em Minas: a trajetória Marginal de Inimá de Paula*. Tal estudo tem como hipótese a ideia de que Inimá de Paula ocupa uma posição de "marginalidade" na história do modernismo em Minas Gerais, que esteve centrado na figura do pintor e professor Alberto da Veiga Guignard e seus discípulos. A justificativa do autor é que Inimá teve a sua trajetória ligada ao Núcleo Antônio Parreiras, em Juiz de Fora, afastado do desenvolvimento do modernismo mineiro a partir da cidade de Belo Horizonte, que conheceria somente no ano de 1951. Além dessa questão, a "marginalidade" de Inimá é ressaltada devido ao próprio trânsito do artista entre diversas regiões e estados brasileiros antes de se fixar em Minas Gerais.

Além do trabalho acadêmico mencionado acima, existem quatro publicações que abordam o trabalho de Inimá. A primeira

publicação, lançada em 1987 e intitulada Inimá, o Faúve Brasileiro, é de Frederico Morais, crítico de arte que acompanhou a trajetória do artista. A segunda publicação, *Inimá, uma biografia*, é um texto biográfico de 1999, ano da morte de Inimá, realizada por Renato Sampaio, colecionador e amigo próximo do artista. Em 2002 e 2006, respectivamente, foram publicados os volumes *Inimá – Obras Catalogadas Volume I* e I*nimá – Obras Catalogadas volume II*, de autoria da Fundação Inimá de Paula, como resultado do processo de catalogação, realizado a partir do ano de 1998, de quase duas mil obras do artista.

A atuação de Inimá de Paula, no cenário artístico brasileiro, carece de mais estudos que explorem, principalmente, o processo criativo do artista. Desse modo, o foco primeiro desta escrita é utiliza-se de referências documentais e do entrecruzamento de diferentes fontes que abordem a rede de sociabilidade do artista, a partir do mapeamento de suas correspondências com outros intelectuais. Ao analisar a sua rede de sociabilidade e a recorrência das temáticas tratadas, no recorte proposto deste trabalho, é possível perceber as tensões resultantes em sua obra e as aproximações ou distanciamentos no campo da estética em relação aos seus interlocutores e ao que estava em voga no período em questão.

Também, apresenta-se de maneira pertinente, o estudo de seus manuscritos, escritos, rascunhos e esboços com o objetivo

de identificar a construção subjetiva entre artista e obra. Tal empreendimento alinha-se à ideia de projeto poético que, nas palavras de Salles, refere-se aos fios condutores relacionados à sua produção:

> (...) são princípios envoltos pela aura da singularidade do artista; estamos, portanto, no campo da unicidade de cada indivíduo. São gostos e crenças que regem o seu modo de ação: um projeto pessoal, singular e único. Esse projeto estético, de caráter individual, está localizado em um espaço e tempo que inevitavelmente afetam o artista. Os documentos de processo, muitas vezes, preservam as marcas da relação do ambiente que envolve os processos criativos e a obra em construção (SALLES, 2011, pp. 44-45).

Além dos princípios estéticos, representados pelos diversos estímulos experenciados por Inimá ao longo de seu percurso, existem os princípios de natureza ética: seu plano de valores e sua forma de representar o mundo (SALLES, 2011, p. 45). Portanto, para uma melhor compreensão de seu meio de expressão, apresenta-se, de maneira pertinente, o estudo de rascunhos, esboços ou qualquer outra forma de concretização das testagens no qual o artista se submeteu.

É a partir dessa perspectiva e do acesso a outras tipologias documentais relacionadas ao artista, que se estrutura este artigo: o estudo das correspondências recebidas por Inimá, que foram enviadas por Jorge Mori e Flávio Shiró Tanaka, entre os anos de 1952 e 1957.

Tais documentos foram doados pelo próprio artista em 1998,

no ato de criação da Fundação Inimá de Paula, instituição destinada à preservação e divulgação de seu trabalho artístico. Foram doadas 271 correspondências passivas, porém, para o critério desta pesquisa, foram selecionadas nove correspondências organizadas a partir das datas de envio e recebimento que compreendem apenas a década de 1950. Ao final do artigo é possível ter acesso as correspondências que serviram de fonte para a escrita.

Tal critério foi adotado a partir da necessidade de seleção do material e por acreditar que a década de 1950, caracterizada em neste estudo pela ascensão de Inimá no cenário nacional das artes pela conquista do prêmio de viagem ao exterior, foi fundamental para a construção de uma sensibilidade específica do artista, que se manteve presente em toda sua produção[2].

Apesar de as fontes escolhidas serem ligadas à vida privada dos sujeitos, é necessário estar atento "a ilusão da verdade", ou seja, a crença de que esses documentos estão carregados de verdades devido ao seu foro íntimo:

> Essa ilusão é tanto mais perigosa, a meu ver, quanto mais está relacionada ao que talvez de mais rico os documentos pessoais podem nos trazer. Como me referi antes, as novas tendências historiográficas têm buscado crescentemente dar vida à história: dar cor e sangue aos acontecimentos, que não 'acontecem' naturalmente, mas são produzidos por homens reais, quer das elites, quer do povo. Nesse sentido, os documentos pessoais permitem uma espécie de contato muito próximo com os sujeitos da história que pesquisamos. Neles 'nossos' atores aparecem de forma fantasticamente 'real' e sem 'disfarces'. Nós, historiadores,

> podemos passar a conhecê-los na 'intimidade' de seus sentimentos e nos surpreendermos a dialogar com eles e até a imaginar pensamentos (GOMES, 1998, p. 126).

Nesse contexto, o que irá manter esse distanciamento serão as escolhas teórico-metodológicas, a associação dessas fontes a outros tipos de documentação e a problematização de termos como "espontaneidade", "autenticidade" e "verdade" que, num primeiro momento, podem deixar transparecer quando lido. Será considerado, também, o regime de produção dessas fontes, assim como a relação de forças que resultaram de sua elaboração, conservação e manutenção, situando-as em seu próprio tempo histórico.

Para corroborar com essa escolha metodológica, vale recorrer à genealogia proposta por Foucault, no qual ele afirma que:

> para a genealogia, um indispensável demorar-se: marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papeis distintos; e até definir o ponto de sua lacuna, o momento em que eles não aconteceram (FOUCAULT, 2015, p. 55).

Foucault, ao propor essa genealogia, lança luz sobre aquilo que era tido como não possuindo história. Sob esse ponto de vista, é a partir das escolhas explicitadas que se compreende o fazer histórico como uma investigação minuciosa e demorada,

que correlaciona as fontes, respeitando as especificidades que cada uma delas demanda.

Ainda se pode perceber que o projeto poético de Inimá, conforme menciona Salles (2011, pp. 44-45), é mobilizado em sua obra a partir dos valores estéticos construídos ao longo do tempo e dos valores éticos intrínsecos a sua figura. Essa dimensão do privado, da intimidade é fundamental para lançar novas interpretações sobre a produção estética de Inimá.

Impressões do Exterior

A década de 1950 foi determinante para o futuro artístico de Inimá de Paula, já que, desde 1930, ele se dividia entre a pintura e o ofício de retocador fotográfico. No entanto, após suas exposições individuais em 1949 e 1950, na Galeria Montmartre, em Copacabana, e da experiência em solo cearense, quando participou da fundação da Associação Cearense de Artes Plásticas, Inimá decide se dedicar integralmente à pintura e fazer dessa a sua profissão.

Assim, em meados de 1951, Inimá após conquistar o prêmio *Viagem ao País*, concedido pelo Salão Nacional de Belas Artes. Como destino, escolhe o Estado da Bahia. Segundo Sampaio (1999, p. 104):

> a esta altura, após ter conquistado, uma a uma, as diversas premiações do Salão Nacional de Belas Artes, Inimá credenciara-se a concorrer ao prêmio de viagem à Europa: aspiração máxima dos artistas que participavam desse certame. Paris, Roma, Londres; o Velho Mundo, enfim – e, no caso específico, os seus mestres e os seus museus -, chegavam então, aos olhos dos de cá, somente através de fotografias, reproduções, livros, relatos de viagem, notícias de jornais, de revistas, um ou outro filme em preto e branco e não mais do que isso.

O prêmio *Viagem ao Estrangeiro* viria no ano de 1952, ao vencer o I Salão Nacional de Arte Moderna, com a obra *Hospício da Praia Vermelha:*

Hospício da Praia Vermelha | OST - 60 x 73 cm | 1952 | PURJ0153

De acordo com Júlio Martins (2011, pp. 43),

> "Hospício da Praia Vermelha", a obra vencedora, apresenta uma composição arrojada, já demonstrando um declarado questionamento das prerrogativas acadêmicas. O prédio ocupa de maneira irregular todo o campo pictórico, impondo sua presença de maneira ostensiva e misteriosa, traçando extensas linhas diagonais. Tomar por tema um hospício, já traz por si uma intenção discursiva por parte do artista e toda a carga psicológica é ainda reforçada no tratamento formal. A perspectiva deformada, um tanto comprimida, gera uma sensação de estranhamento e cria

> uma situação espacial ambígua, que nos aproxima e distancia ao mesmo tempo do prédio. As cores sombrias da atmosfera do jardim contrastam com o grande bloco claro do prédio, marcado por linhas de colorido contido. A vegetação de árvores solitárias tem suas formas angulares, esquematizadas, contribuindo ao clima melancólico. Inimá confere a esta paisagem desolada um admirável peso dramático, que constrange o olhar.

É possível observar, também, uma atitude expressionista por parte do artista, como apontado pela historiadora da arte Ângela Ancora: "As árvores são torturadas, as plantas esquematizadas em pinceladas impetuosas, a grama apresentando áreas de transição da luz para a sombra sem que isso concorra com a iluminação da obra" (ANCORA, 2005, p. 198).

É a partir desse ano que as correspondências são datadas e tem como interlocutores Jorge Mori, pintor, desenhista e gravador brasileiro; e Flávio Shiró Tanaka, pintor de origem japonesa, que se radicou no Brasil a partir da vinda dos familiares na década de 1930[3]. Ambos os artistas, ainda na década de 1940, fizeram parte da trajetória de Inimá e de sua rede de sociabilidade no Rio de Janeiro, na região do bairro Santa Tereza.

Na primeira correspondência, datada de 01/07/1952, Jorge Mori parabeniza Inimá pela conquista do prêmio Viagem ao Estrangeiro e afirma esperar encontrá-lo em Paris:

> Escrevo-lhe esta, após um mês de permanência aqui em Veneza. Recebi ontem a primeira carta de meu pai e soube que a você coube o prêmio de viagem ao exterior. Está realmente de parabéns e aqui estão os mais sinceros votos e forte abraço. Espero que nos encontremos aqui em Europa, possivelmente em Paris, o mais

rápido possível. (MORI, J. [CARTA] 01/07/1952, Veneza).

Mori, então, ao descrever a sua estada em Veneza, repassa suas impressões a Inimá a respeito do continente europeu:

> Eu aqui em Veneza assisti à Bienal, que se inaugurou dia 14 de Junho passado. Agradou-se sobremaneira a secção Belga com o grande Permeke, a secção Italiana e a Francesa onde pude apreciar bastante os Dufys expostos; aliás você já deve saber, foi Dufy o laureado com o prêmio grande ao estrangeiro. A você deve interessar o custo de vida daqui; poderei dizer-lhe somente da Itália, em particular, da Veneza. O câmbio comum (negro) é de 1,00 = 18 liras; as refeições, gasto no máximo 400 liras, e comendo muito bem! E que vinho!!! Consegui um quarto, perto da Academia, muito bem mobiliado, por 9.000 liras por mês. As passagens de trens são relativamente baratas (3ª classe) e viaja-se muito bem: basta dizer que em 3ª classe as poltronas são estofadas ricamente. Aliás, a viagem que fiz no "Augustus" na 3ª classe foi maravilhosa, com "boias" ótimas, piscina, ar condicionado e todo conforto possível. Creio que você já deve estar mais ou menos a par dos custos. Há pois muita vantagem para um brasileiro, portador de "Cruzeiros". Eu espero viajar a Florença, Roma, Nápoles, Milão e Verona em meados desse mês e em Agosto, se possível, andar a Paris. Veneza é muito interessante como passado artístico e histórico, como cidade única no mundo em sua formação, canais, calles (ruas) estreitíssimos, palácios sobre água etc. Como momento atual temos praticamente a Bienal; porém, artisticamente, movimentos de jovens artísticas etc... ela é muito pobre, de modo que, aqui não desejo permanecer para estudos e trabalhos. Espero encontrar bons grupos trabalhando em Paris; é porém possível que Florença ou Roma, encontre artistas melhores e... modelos, que aqui é dificílimo. Somente nesses dias comecei a trabalhar a sério. Preparei algumas telas e estou conhecendo alguns materiais novos. (MORI, J. [CARTA] 01/07/1952, Veneza).

Na carta em que parabeniza Inimá pelo prêmio e descreve sua estada em Veneza, Mori destaca dois artistas: Constant Permeke,

pintor belga, considerado a principal figura do expressionismo flamengo; e Raoul Dufy, artista que transitou entre a pintura, desenho, gravação, ilustração, cerâmica, decoração e que teve sua produção ligada à estética impressionista e, posteriormente, ao aproximar-se de Henri Matisse, à estética fauvista.

Inimá, nesse momento, já incorporava elementos do expressionismo em sua produção (como caracterizado na obra *Hospício da Praia Vermelha*) e do fauvismo (que ficou evidente após o seu retorno do exterior).

De volta a Paris, como havia informado, Jorge Mori retoma a escrita a Inimá e, dessa vez, fala sobre a sua rotina em solo francês:

> Ontem, de volta do Museu Guimet (de arte oriental) passei ao consulado e encontrei uma carta. Ultimamente tenho trabalhado pouco, pois matriculei-me na Sorbonne (só para conseguir carta de estudante) e como no Brasil (ou pior) perdi muito tempo, além de ter que aturar funcionárias públicas das mais cretinas (...) Quanto ao calendário, creio que o que se usa no Brasil é o mesmo daqui e estamos em Outubro; falta portanto mais de meio ano para Abril de 1953 e para mim não é tão "perto". Deixando de brincadeiras, as coisas aqui, não são tão caras como parecia (eu tinha comparado com Itália) e em câmbio oficial são as vezes mais barato que em Brasil. Mesmo sapato e outros materiais de couro, não são tão caros, e o serviço e acabamento é melhor que os daí. Agradeço portanto as intenções. Quanto ao material de pintura, os preços são mesmos que daí; única coisa que aí é mais barato, são as trinchas brasileiras, muito boas, e alguns pincéis, para aquarela e óleo (os pincéis aqui são caríssimos) (...) De saúde vou otimamente bem, apesar de o "friozinho" ter começado. Estamos em Outono, as árvores se despindo e as ruas encobertas de folhas amareladas é um espetáculo maravilhoso (MORI, J. [CARTA] 21/10/1952, Paris).

É interessante perceber que, em ambas as cartas, as

preocupações ordinárias do dia a dia, como o preço de certos objetos, o custo de vida e a conversão do câmbio em continente europeu, sobrepõem-se à narrativa de suas experiências e descobertas estéticas.

Vale ressaltar que, no ano de 1952, Jorge Mori possuía 20 anos de idade e havia viajado a Paris para estudar técnicas de pintura, mosaico e afresco. Inicialmente, frequentou academias francesas, como mencionado na correspondência e, depois, realizou a matrícula na Sorbonne para obtenção da carta de estudante, documento equivalente a um visto provisório de permanência. Porém, destacou-se pelos estudos autodidatas ao copiar obras clássicas no Museu do Louvre.

Por sua vez, Flávio Shiró descreve a sua situação em Paris no momento de sua chegada:

> Caro Inimá, creio que estas horas tu deves estar preparando as malas para partir não é? Queria te escrever logo que cheguei a Paris, isto é no dia 05 de agosto, mas foi incrível falta de sorte, neste dia começa a greve no correio que já dura muitas semanas. Veio depois à greve no metro, telefone, ferrovia, e portos, até alguns museus! Até parece que esperava-me a chegada para começar a greve (...) Estou num hotel em Montparnasse (Hotel Libéria) Rue de la Grande Chaumière N º 9. Quase diferente está a academia de Grande Chaumière que você já deve ter ouvido falar. A família Takaoka moram à alguns quarteirões uns 8 minutos daqui. (...) Com a greve tive que comprar uma bicicleta (Cr$ 400,00) usado assim, eu e o Jorge vamos à Museus e damos giro em Paris com esta modalidade de condução. Aliás todo mundo anda de bicicleta vi no outro dia na estatística que só na França há 12.550,00 de ciclistas. De 5 dias para cá tenho andando só, porque o nosso amigo Jorge sofreu acidente de bicicleta, mas felizmente não foi

> grave mas pontos da boca, e uma pancada na testa. É preciso ter muito cuidado... Você sabe andar de bicicleta? Ou motocicleta? Aqui custa baratíssimo, comparando os preços do Brasil. Almir Mavignier que já deve estar de volta fez giro da Europa numa motocicleta, e nem sabia andar quando comprou (segundo Jorge) (Carta 3 - SHIRÓ, F. [CARTA] 24/10/1953, Paris).

Diferentemente da carta de Jorge Mori, a correspondência de Shiró possui mais espaço para descrição do cotidiano da cidade e das suas experiências em Paris. Mas, não quer dizer que também não apareçam preocupações quanto aos custos e orientações sobre a viagem que Inimá em breve irá fazer:

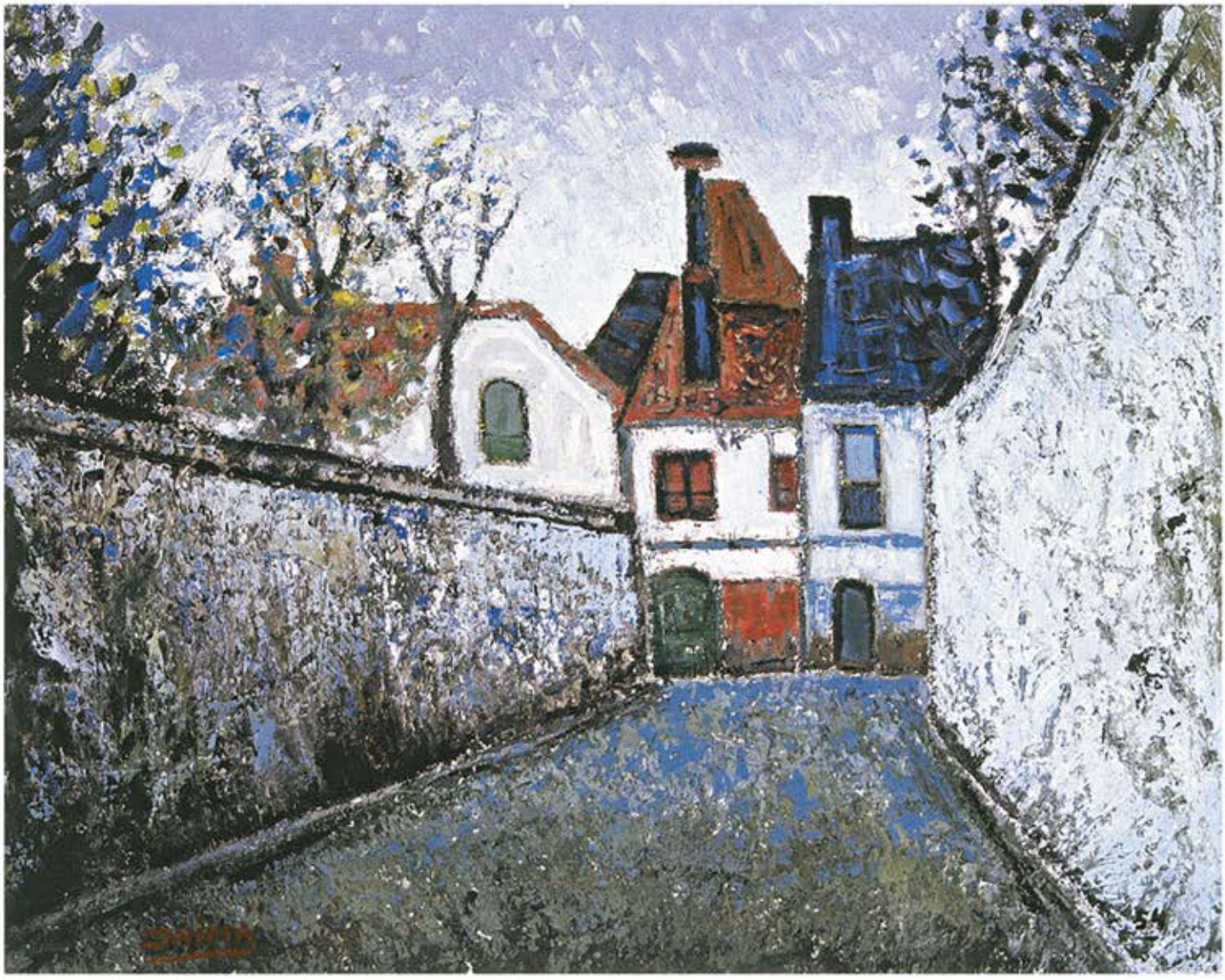
> Outra coisa importante: traga mais coisa possível se você receber a verba em dólar, vestimentas não são caros até mais barato que no Brasil... as malas são bem baratas aqui e boas (...) Coisas que podem trazer: sapatos (aqui custa muito caro) pincéis pelo de marta, você que gosta de chá traga bastante chá preto se puder. Não esqueça de trazer os livros sobre técnica de pintura (Max Durer). Importante: trazer bastante vitaminas A.B.C.D. etc em complexos. Creio que é só o que lembro no momento. Para não sentir o enjoo na viagem, tome xamamina antes da viagem (uma boa) é batata. (Carta 3 - SHIRÓ, F. [CARTA] 24/10/1953, Paris).

Flávio Shiró finaliza a carta dizendo que aguarda Inimá e, no mesmo papel de carta que usou como suporte para escrita da correspondência, envia-lhe um desenho das ruas de Paris. Na imagem, percebe-se uma figura solitária no centro da obra, enquanto a cidade à sua volta aparenta movimentação e efervescência:

Fonte: Carta 3 - SHIRÓ, F. [CARTA] 24/10/1953, Paris.

Paisagens semelhantes, de caráter urbano, podem ser observadas em obras que Inimá iria produzir em solo europeu, como é o caso de *Paisagem Europa – Paris.*

Na pintura, pode-se observar o predomínio de cores frias e uma Paris vazia, desabitada, longínqua e inatingível. O tratamento cromático, por sua vez, em diálogo com a estética expressionista, confere um fundo psicológico de melancolia à obra. Não se trata de uma representação fiel do que se vê na realidade, mas, sim, de representar as reverberações que essa paisagem causa ao autor e ao expectador pelo uso sensível da cor.



Paisagem Europa - Paris | OST - 65x81cm - 1954 | PE0003

Sobre o uso da cor em suas obras, Inimá afirma:

> A cor de uma paisagem, por exemplo, é tão absorvida pela atmosfera que acaba por se tornar inexistente. Na realidade, a cor é um fenômeno físico, mas que não existe em estado puro; quer dizer, em estado natural. Observe, por exemplo, uma paisagem de Turner, onde tudo é criação. Observando a fundo, no entanto, você vai ver que na realidade nada de real existe ali; o que existe é apenas transposição (PAULA, 2000, p. 7).

Inimá de Paula embarcaria para França, em julho de 1954, permanecendo durante dois anos em território estrangeiro.

O próprio Flávio Shiró aguardava-o em uma plataforma da Gare de Lion e, logo após o encontro, os dois tomaram o metrô em direção ao centro da cidade (SAMPAIO, 1999, p. 107).

Experiências no Exterior

O ser artista, dentro da literatura especializada, ao longo da tradição foi identificado, em sua grande maioria, como instrumento de manifestação divina, gênio criador ou louco iluminado. Como afirma Mello (2008, p. 23):

> Por muito tempo a criatividade foi entendida como loucura, dom divino, ou exclusividade de artistas de gênios. A imagem do artista foi sendo moldada nos movimentos de transformações culturais e nas modificações dos valores simbólicos da sociedade.

É a partir do final da idade média que a arte passa a fazer parte do universo humano de maneira sistematizada e a criação artística torna-se objeto de estudo e reflexão. O renascimento italiano, por sua vez, compreende um dos períodos de maior produção artística da humanidade, auxiliando na consolidação do conceito de gênio criador. É nesse momento que muitos pensadores passaram a associar criatividade à genialidade. Dessa forma, a obra de arte tornaria sensível uma realidade para qual não estaríamos sensibilizados até então (MELLO, 2008, pp. 9-11).

Por sua vez, após o século XVIII, a partir do pensamento ilustrado e do movimento romântico, a obra passa a ligar-se à vida pessoal do artista. As emoções do artista e a sua criação são associadas a ideias de depressão e melancolia, sendo percebidas como possíveis gatilhos e facilitadores do processo criativo. Posteriormente, a ideia de loucura e transgressão passa a vigorar

como características ligadas ao fazer artístico (MELLO, 2008, pp. 11-15).

No entanto, o que podemos observar, pelos trechos presentes nas correspondências de Jorge Mori e Flávio Shiró para Inimá, é a mobilização de outro conceito de artista: aquele que desenvolveu a linguagem da arte a partir de sua capacidade criativa e experiência com a vida moderna. São jovens que, no afã de suas descobertas e dificuldades, entram em contato com uma realidade de onde tinham apenas impressões externas.

É o "artista" que vive e experimenta o cotidiano com o objetivo de representá-lo de maneira subjetiva por meio da arte, como pode ser reforçado por essa fala de Inimá:

> É preciso treinar a sensibilidade e o treino da sensibilidade, é conviver com a natureza. Saber, perceber e transformar isso em pintura. Nós estamos muito sujeito às regras como princípio, mas depois nós temos que despir disso e dá lugar à criatividade que é muito importante (INIMÁ, 1991, 3:47" – 4:26").

Essa característica de experenciar o cotidiano pode ser contrastada com a própria estada de Inimá pela Europa, onde o artista pintou pouco e observou muito:

> Quando eu vejo que viajei pra Europa, eu pintei pouco e vi muito museu, então eu vim para o Brasil e eu fiquei pensando: bom, e aqui no Brasil o que é que eu vou fazer? Eu não vou fazer escola italiana, eu tenho que fazer pintura. Eu não sei se vou fazer pintura brasileira, a gente faz pintura. E eu comecei pintando sozinho o que eu achava que eu tinha que encontrar dentro de mim um meio de eu me exprimir pictoricamente (INIMÁ, 1991, 8:47" – 9:22").

Durante sua estada na Europa, Inimá se dedicou muito mais aos estudos e às visitas a museus do que propriamente à prática da pintura. Foram poucas obras realizadas na Europa, uma vez que preferiu visitar os principais museus e ver as pinturas de perto, interessado em internalizar aquela experiência de aprendizado e espanto frente à arte moderna. Em Paris, frequentou a Academia de La Grande Chaumiere e o ateliê de André Lhote, pintor ligado ao Cubismo, que manteve intercâmbio intenso com a arte brasileira, desempenhando um papel importante em nosso modernismo (MARTINS, 2011, pp. 44-45).

Retornando às correspondências de Jorge Mori e Flávio Shiró Tanaka, é interessante perceber a descrição dos principais percalços enfrentados por esses jovens artistas e as impressões transmitidas sobre o estrangeiro a Inimá antes de sua viagem. Vale ressaltar que todos estavam ali buscando descobrir um novo mundo, ao mesmo tempo que se descobriam como sujeitos, não apenas como artistas.

O tom coloquial presente nas correspondências e a frequência desses recebimentos constituem indícios da forte relação entre Inimá de Paula, Jorge Mori e Flávio Shiró Tanaka – relação que se estendeu até os anos de 1990. Essa associação entre os sujeitos, pode ser entendida a partir do conceito de sociabilidade de Simmel (1983). De acordo com o autor,

> Interesses e necessidades específicas certamente fazem com que

> os homens se unam em associações econômicas, em irmandades de sangue, em sociedades religiosas, em quadrilhas de bancos. Além de seus conteúdos específicos, todas essas sociações também se caracterizam, precisamente, por um sentimento, entre seus membros, de estarem sociados, e pela satisfação derivada disso. Os sociados sentem que a formação de uma sociedade como tal é um valor; são impelidos para essa forma de existência. De fato, às vezes é apenas esse impulso o que sugere os conteúdos concretos de uma sociação particular (SIMMEL, 1983 pp. 168 – 169).

Especificamente durante a estada no estrangeiro, Flávio Shiró e Jorge Mori transformaram-se nas principais companhias de Inimá. Segundo Sampaio, "Flávio Shiró de vez em quando aparecia em seu ateliê para pintar ou desenhar; Jorge Mori, algumas vezes, prolongava-se por lá a semana inteira" (SAMPAIO, 1999, pp. 110-111).

Além desses encontros diários, ambos fizeram companhia a Inimá durante as viagens aos países vizinhos, quando visitaram a Bélgica, Holanda, Suíça e a Noruega. Tiveram contato com Rembrandt, Matisse, Rubens, Munch, Van Gogh, dentre outros (SAMPAIO, 1999, pp. 111-112).

Sobre a experiência europeia de Inimá, Flávio Shiró, em correspondência datada de 21/05/1957, afirma:

> Pois bem, enquanto a gente ia enchendo a pança, conversávamos sobre diversos assuntos, inclusive de você. Soube então que você está em grande atividade e que fizeste um bonito afresco num banco, além do prêmio ferroviário, para o qual eu lhe mandei uma carta de felicitação.. O [nome não identificado devido à grafia] disse-nos que você melhorou bastante, e que a viagem por aqui foi

> de muito proveito. Se você tivesse ficado mais 2 anos, que na certa teria feito uma exposição individual aqui. Mas o essencial é que você trabalhe. O lugar não é tão importante assim (Carta 5 - SHIRÓ, F. [CARTA] 21/05/1957, Bolonha).

Em seu retorno ao Brasil, Inimá se depararia com o contexto de crise da arte figurativa no país. No mesmo ano de 1956, sua produção abstrata, de forte influência do informalismo e do tachismo , dá-se início. O embate entre o figurativo e o abstracionismo estava ligado à discussão sobre a questão da formação de uma identidade artística nacional a partir de como as influências e atualizações externas operariam em sua constituição. Por sua vez, os adeptos do figurativo defendiam uma arte dirigida ao povo, que retratasse a realidade local e se comunicasse com todos; enquanto os abstratos desejavam nivelar a arte nacional à linguagem internacional, inserindo-a no contexto do modernismo (MARTINS, 2011, pp. 46-48).

Considerações Finais

À guisa de conclusão, este artigo visou dar luz a algumas correspondências presentes no arquivo da Fundação Inimá de Paula que, até então, não tinham sido objeto de estudos relacionados ao artista e que, a partir dessa abordagem inicial, mostraram-se de grande valia para a continuidade da pesquisa sobre a produção de Inimá de Paula.

As correspondências examinadas sob a ótica da pesquisa histórica, apresentaram-se como um meio privilegiado de acesso a atitudes e representações dos sujeitos nelas envolvidos: Jorge Mori e Flávio Shiró Tanaka. Se por um lado, as cartas exteriorizam a vida privada desses jovens artistas, revelando intimidade; por outro, potencializam "a imagem controlada de si". Nelas, um jogo sutil se estabelece entre o público e o privado, o íntimo e o ostensivo. Longe de serem espontâneas, as cartas ocultam e revelam seus autores conforme regras de boas maneiras e apresentação de si, numa imagem pessoal codificada (MALATIAN, 2017, pp. 196-197).

A partir dessas correspondências, foi possível acessar uma outra dimensão, até então inexistente nos estudos envolvendo o artista Inimá de Paula: as impressões do exterior, que viriam contribuir para a construção de sua sensibilidade, criadas por Jorge Mori e Flávio Shiró Tanaka, no período de estudo e estada

na Europa (MALATIAN, 2017, pp. 196-197).

Como foi trabalhado apenas uma fração (nove correspondências de um total de 271) dos documentos presentes no acervo, como proposta de continuidade à pesquisa, apresenta-se a possibilidade de investigar as redes de sociabilidade, das quais Inimá fez parte, como forma de lançar luz sobre o silêncio em torno de sua obra em relação aos modernismos na arte brasileira.

Notas

[1] Coordenador de Arte no Museu Inimá de Paula e Professor na Rede Estadual de Educação; Graduado em História pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH); Pós-graduado em Análise e Gestão do Patrimônio Cultural pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH).

[2] Sobre a sensibilidade artística de Inimá e a seu diálogo com as estéticas modernistas, como expressionismo e fovismo, ver: MARTINS, Júlio César. Outro modernismo em Minas: a trajetória marginal de Inimá de Paula – 2011. 142 f.: il. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.

[3] O corpo documental escolhido como objeto para esse artigo é composto por nove cartas, cinco de autoria de Jorge Mori e quatro de autoria de Flávio Shiró Tanaka, recebidas por Inimá ao longo dos anos de 1952 e 1957.

Referências

Audiovisual

DUARTE, Aurora. Inimá de Paula. 1991. Disponível em: encurtador.com.br/blKOT

Cartas

MORI, Jorge. [PASTA 4] 34. 01/07/1952.
_____. [PASTA 4] 35. 01/07/1952.
_____. [PASTA 4] 24. 01/09/1952.
_____. [PASTA 4] 15. 21/10/1952.
_____. [PASTA 3] 16. 20/07/1953.
_____. [PASTA 3] 15. 18/06/1954.
_____. [PASTA 3] 18. 10/03/1957.
_____. [PASTA 3] 19. 10/03/1957.
TANAKA, Flávio Shiró. [PASTA 3] 13. 24/10/1953.
_____. [PASTA 2] Nº 2. 23/02/1956.
_____. [PASTA 2] Nº 3. 23/02/1956.
_____. [PASTA 2] Nº 1. 12/12/1956.
_____. [PASTA 2] Nº 5. 21/05/1957.
_____. [PASTA 2] Nº 6. 21/05/1957.
_____. [PASTA 2] Nº 7. 21/05/1957.
_____. [PASTA 2] Nº 8. 21/05/1957.

Jornais e Periódicos

PAULA, Virgínia de. Inimá. Estado de Minas. Belo Horizonte, 12 ago. 2000 Caderno Pensar, p. 7.

Bibliográficas

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Estudos Históricos, p.9-34.
BAXANDALL, Michael. O olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da Renascença. Tradução: Maria Cecília Preto da Rocha de Almeida. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991 – (Oficina das Artes; v. 6).

CABRAL, Cleber Araújo. Arquivos literários: postscriptum de uma vida. In.: Aos leitores, as cartas, p. 47-54.
COSTA, Célia Leite. Intimidade versus interesse público: a problemática dos arquivos. Estudos Históricos, p.189-199;
COLI, Jorge. O que é arte? São Paulo: Editora Brasiliense S.A. 1981.
FOUCAULT, Michel. Uma arqueologia das ciências humanas. Trad.: Salma Tannus Muchail. Martins Fontes. São Paulo – 2000.
GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 07-24.
_____. Nas malhas do feitiço: o historiador e os arquivos privados. Estudos Históricos, p. 121-127.
HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
HEYMANN, Luciana Quillet. Os arquivos em questão: novas abordagens, antigas tradições. In: O lugar do arquivo, p. 23-85
JENKINS, Keith. A história repensada. Trad.: Mário Vilela – 4º Ed. – São Paulo: Contexto, 2013.
MARQUES, Reinaldo. Arquivos literários, entre o público e o privado. In.: Arquivos literários: teorias, histórias, desafios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p. 29-85.
MARTINS, Júlio César. Outro modernismo em Minas Gerais: A trajetória marginal de Inimá de Paula. 2011. 142 f.: il. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.
MORAIS, Frederico. Inimá, o Fauve Brasileiro, 1987.
PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tania Regina (Orgs.). O historiador e suas fontes. 1. Ed., 5º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.
REIS, José Carlos. As Identidades do Brasil: de Vanhargen a FHC. 8º ed. – Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2006.
SALLES, Cecília Almeida. Gesto Inacabado: processo de criação artística. – São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998. 168 p.; 14 x 21 cm.
SAMPAIO, Renato. Inimá, uma biografia, 1999.
SIMMEL, Georg. Sociologia. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho: [tradução de Carlos Alberto Pavanelli ... et al] – São Paulo: Ática, 1983
VASCONCELLOS, Eliane. Preservação da Memória Literária. In: Arquivos, patrimônio e memória, p.41-48.
VEYNE, Paul. O Inventário das Diferenças: História e Sociologia. São Paulo: Ed. Brasiliense s.a. 1976.

Correspondências

Década de 1950

m/n "Augustus"

Veneza 1 de Julho de 1952

Amigo Inimá Paula

Cordiais saudações

Escrevo-lhe esta, após um mês de permanência aqui em Veneza. Recebi ontem a primeira carta de meu pai e soube que a você coube o prêmio de viagem a exterior. Está realmente de parabéns e aqui estão os meus sinceros votos e forte abraço. Espero que nos encontremos aqui em Europa, possivelmente em Paris, o mais depressa possível. Fui aqui em Veneza assistir à Bienal, que se inaugurou dia 14 de Junho passado. Agradou-me sobremaneira a seção Belga com o grande Permeke, a seção italiana e a francesa onde pude apreciar bastante os Dufys expostos, aliás você já deve saber, foi Dufy o laureado com o prêmio grande ao estrangeiro. A você deve interessar o custo de vida daqui; poderei dizer-lhe porém da Italia, em particular, de Veneza. O cambio corrente é de 1,00 = 18 liras; as refeições, gasto no máximo 400 liras, e comendo muito bem! e que vinho!!! Consegui um quarto, perto da Academia, muito bem mobiliado, por 9.000 liras por mês. As passagens de trens são relativamente baratas (3ª classe) e viaja-se muito bem: basta dizer que em 3ª classe as poltronas são estofadas ricamente. Aliás, a viagem que fiz no "Augustus" na 3ª classe foi maravilhosa, com "bóias" ótimas, pianino, ar condicionado e todo conforto possível. Creio que você já deve estar mais ou menos a par dos custos. Vai ser muita vantagem para um brasileiro, portador de "cruzeiros". Eu espero viajar a Firenze, Roma, Nápoles, Milão e Verona em meados deste mês e em Agosto, se possível, andar a Paris.

Carta de autoria de Jori Mori à Inimá de Paula.
Veneza, 01/07/1952.

m/n Augustus.

Veneza é muito interessante como passado artístico e histórico, como cidade única do mundo em sua formação, canais, calles (ruas) estreitíssimas, palácios sôbre agua etc. Como movimento atual temos praticamente a Bienal; porém, artisticamente, movimentos de jovens artistas, etc..., ela é muito pobre, de modo que, aqui não desejo permanecer para estudos e trabalhos. Espero encontrar bons grupos trabalhando em Paris; é porém possivel que a Firenze ou Roma, encontre artistas melhores e... modelos, que aqui é dificílimo. Ultimamente nesta última conheci a trabalhar a sério. Preparei algumas telas e estou conhecendo algumas materiais novos.

Peço enviar lembranças ao sr. Kaminagai e ao batalhão da dona Lázara: Martinha, Paulo e Gasparino.

Em especial, quando encontrar com sr. Nagaraca e dª. Ehita, um forte abraço meu.

Bem, caro amigo, peço escrever-me logo que receber esta, e veja lá se não vae blancar o "tal" não, hein? Esperá-lo-ei aqui para depená-lo pois agora você é um burguês. Por hoje interrompo por aqui, com forte abraço e mais uma vez, sinceros parabens

do amigo de sempre

Jori Mori

P.S. Aqui encontrei um calor tremendo, quiçá superior ao do Rio.

Carta de autoria de Jori Mori à Inimá de Paula.
Veneza, 01/07/1952.

Caro amigo Inimá - Paula

Aqui estou há uma semana no centro artístico - cultural mundial : Paris. Uma carta lá ao chegar do meu "giro pela Itália", visitando maravilhosas obras de Firenze, Bologna, Ravenna, Assisi, Siena, Roma Arezzo, Napoli e Pompei; viagem durante um mês, com bastante economia (em Itália tudo é mais barato que aí em Rio) em liras gastei em média 500 liras (1.00 = 20 liras no cambio negro e : 1.00 = 33 liras no oficial) em toda viagem, com hotéis, passeios, ingressos aos Museus, etc. gastei 85.000 liras. A coisa em Paris, porém, é preta, tudo aqui é caríssimo : hóteis, restaurantes, etc... Consegui porém um bom hotel (aqui em Montparnasse, perto da Académie de la Grande Chaumière, onde matriculei-me) por 7.000 francos ao mês (1.000 francos = 100,00 no cambio negro - 1.000 francos = 55,00 no cambio oficial) e aliás não é caro relativamente ao Rio. Os objetos, principalmente de lã não são baratos - o comprar em Rio, ou então em Itália (é claro mais preferível) Porém os sapatos são caríssimos (também em Itália é melhor trazer sobressalentes. Estou surpreso por preços iguais ou mais caros que no Rio, das tintas e outros materiais de pintura. Aliás em Itália, também é muito mais barato e, até melhores. Estou apaixonado pela Itália e visto certa saudade das maravilhosas cidades de Firenze, Assisi e Napoli. O povo italiano é fantástico amigável, cordial e hospitaleiro. O francês é fechado, frio, cordial mas interesseiro e visa unicamente o dinheiro. Paris, em todo caso é o movimento é a vida. Aqui em Montparnasse há imensos pintores, artistas, estudantes, os mais extranhos possíveis.

Quanto a ateliers, estou procurando, porém aqui é muito difícil, a não ser pagando muito. Creio porém não ser impossível arranjar, principalmente passando este verão e toda [illegible]

Carta de autoria de Jori Mori à Inimá de Paula.
Paris, 01/09/1952.

Em Itália, ou melhor Firenze, encontrei-me com Marignier e Mario Pedrosa e com êles estive até Arezzo. Depois até Napoli, estive com Marignier e um outro amigo seu, eu viajando de trem, êles à Vespa, que compraram em Firenze (sem ao menos saberem guiar motocicleta, automóvel e nem bicicleta!) Imagine as peripecias, riscos etc. que passaram durante a viagem... e ainda aqui não voltei pois em Napoli os perdi e eu voltei a Venezia e vim ter a Paris. Encontrei-me porém varios brasileiros (também o Takaoka e minha irmã, Alincourt, Caciporé Torres, e vários artistas japoneses) Caro amigo, mande lembranças à "Aropa" de Dª Lázara: Gaspar, Pedro, Mota e Djanira, à "caçulinha". Aqui estou dando duro com o francês, pois, em Italia, o italiano já manejava perfeitamente, levando no bico muitos "napolitanos" malandros e ... muitas "bôas" italianas. Realmente Napoli é fantástica e, em parte, há muito mais liberdade que aqui em Paris. Mande abraços a Kaminagai e

em especial a Nagasawa e Dª Ilvira

Forte abraçando amigo

Jorge Mori

Paris 1-9-52

Carta de autoria de Jori Mori à Inimá de Paula.
Paris, 01/09/1952.

Amigo Inimá Paula

Saúde.

Ontem, de volta do Museu Guimet (de arte oriental) passei ao consulado e encontrei sua carta. Ultimamente tenho trabalhado pouco, pois matriculei-me na Sorbonne (só para conseguir carta de estudante) e como no Brasil (ou pior) perdi muito tempo, além de ter que aturar funcionárias públicas das mais cretinas.

O Milton da Costa e "sa femme" creio que não chegaram ainda, aqui a Paris. A "bomba" mais nova, a do Kaminagai, gostaria de presenciar; creio que foi algo de assombroso e ver o Kaminagai de "Tanga" seria tragédia ou comedia? Tenho impressão que tudo aquilo nada mais é do que uma comédia e... premeditada. Quanto ao Calendário, creio que o que se usa no Brasil é o mesmo que daqui e estamos em Outubro; falta portanto mais de meio ano para Abril de 1953 e para mim não é tão "perto"...

Deixando de brincadeiras, as cousas aqui, não são tão caras como parecia (eu tinha comparado com Itália) e em cambio oficial são às vezes mais barato que em Brasil. Mesmo sapatos e outros materiais de couro, não são tão caros, e o serviço e acabamento é melhor que os daí. Agradeço portanto as intenções. Quanto a material de pintura, os preços são mesmos que daí; única coisa que aí é mais barato, são as trinchas brasileiras, muito bôas, e alguns pinceis, para aquarela e óleo (os pinceis aqui são caríssimos)

Carta de autoria de Jori Mori à Inimá de Paula.
Paris, 21/10/1952.

Quanto a sua operação, parabens pela melhora. À dona Alvira, peço retribuir as lembranças e abraços, o mesmo ao sr. Nagasawa.

De saúde vou otimamente bem, a pesar de o "friozinho" ter começado. Estamos em Outono, as árvores se despindo e as ruas encobertas de folhas amarelecidas é um espetáculo maravilhoso. Aqui há boa turma de brasileiros, com os quaes encontro de quando em vez: Claudio, Plinio, Pacheco, Alincourt, Caciporé, Lívio Abramo, Almir Mavignier. Aliás, você sabe quem aqui está (esqueci de dizer-lhe em outra carta). É o Takaoka, com minha irmã e filhos. Todos êles mandam-lhe lembranças e abraços.

Escreva-me como vão o Motinha e "sa femme", Madame Djanira. A turma do "barulho" da Dª Lázara vão bem como sempre, não? Mande lembranças à Dª Lázara, à Consuelo e ao irmão.

A turma do "barulho", retribuo as mesmas.

Bem, caro Inimá, por hoje

aux revoir

Jorge Mori

Paris 21-10-52

Carta de autoria de Jori Mori à Inimá de Paula.
Paris, 21/10/1952.

Oceano atlantico / 28/6/53

p/o "Conte Grande"

Caro Irineu.

Por falta de sorte e de tempo não te pude encontrar. Em primeiro duro esclarecer que até o ultimo momento de ancoramento do navio, a hora da partida ~~era~~ estava marcada para 9 da noite. Mas de supito mudaram para 2 hora o que ~~me~~ desconsolou-me, pois tinha que ir à Botafogo, Ipanema, e em S.ta Teresa. Antes de seguir para S.ta Teresa telefonei a Dª Maria para ver se você estava, mas como ~~não~~ estava ausente pensei que você estivesse aqui nos cais, e te procurei mas foi infrutifero. Fui à casa de Berkowitz pois ele havia-me prometido escrever uma carta de apresentação em Paris à um amigo, este tambem estava ausente. Foi um dia de muita falta de sorte. Aqui a bordo tudo muito bem, mas se você sofrer do enjôo do navio na sua viagem, tome um comprimido moderno que chama Xamamina que é muito bom uma hora antes de partida. Há 9 dias sem ver e pisar na terra é ~~bom~~ muito duro, mas já fiz amigos, e a piscina me distrae bastante.

Carta de autoria de Flávio Shiró Tanaka
Gênova, 28/06/1953

Espero que vôce venha logo em seguida pois a epoca é propicia para viagem.

Desembarcarei em Napoles no dia 4, e as escalas são seguintes: Las Palmas; uma ilha espanhola, Lisboa: perdemos 2 dia com esta escala na capital Portuguesa ~~[illegible]~~ a seguir nem Gibraltar e depois Napoles. Pretendo ficar um mês na Italia com roteiros que Livio Abramo traçou. Ele esteve 1 ano na Italia e conhece-o muito bem. Aqui à bordo viajam uma turma de brasileiros (28) e ainda embaixador do Brasil em Bruxelas. Quer dizer que o dolar está à 56 e verdade? vae baixar ainda mais o cruzeiro! Coitado de nós...

Mori, e Takaoka.

Até agora é só —

Au revoir

Shiro Tanaka

Carta de autoria de Flávio Shiró Tanaka
Gênova, 28/06/1953

Mon cher Inimá

Respondo com atraso à sua carta de 26 de Junho. Aqui já estamos em férias (Julho → Setembro) e o movimento artístico já praticamente acabou, para ser recomeçado em Outubro.

Recebi do Tanaka, uma carta expedida de Napoli, dizendo-me que em princípios de Agosto, já estaria em Paris. Eu por mim, ficaria mais tempo na maravilhosa Itália, pois, aqui, como lhe disse, estamos em férias e assim, tudo está paralisado.

E você meu caro amigo, já decidiu a data de partida? Qual é o seu plano? Virá diretamente a Paris? (esta última solução, há a vantagem de quebrar com todas as ilusões que se tem, sobre Paris). Mas a Itália e a Espanha são algo de maravilhoso, em comparação com a França.

Fiquei satisfeito por saber que Pedro também, para cá virá e assim, aqui nos encontraremos em companhia de Tanaka.

A Bienal, tinha já feito a inscrição, porém como nada pude pintar (por falta de quarto ou atelier) resolvi não enviar. Creio que é o melhor, como você diz. Bem, caro amigo, aqui interrompo com um até breve.

Jorge Mori

Paris 20-7-53

Carta de autoria de Jorge Mori
Paris, 20/07/1953

44 Tanaka

Paris 24 Aout 1953.

Caro Irmão.

Creio que estas horas, tu deves estar preparando as malas para partir não é? Queria te escrever logo que chegasse a Paris, isto é no dia 5 de agosto, mas foi inclusive falta de sorte, neste dia começa a greve no correio que já dura muitas semanas. Veio depois a greve no metro, telefone, ferrovia, e outros até alguns Museus! Até parece que esperava-me a chegada para começar a greve.

Aliaz ando muito agarrado, veja o caso do dolar! paguei 50,10 o dolar e depois de 1 semana baixa 42,10. Para quem paga 50,10 o dolar aqui na França a vida é caríssima tanto que uma modestamente gasta-se uns 40,000 francos em cruzeiro caiem 4.800,10 cruzeiros (naturalmente isto calculado na razão que comprei o dolar). Estou tentando obter "o titulo de etudien patronné" si o conseguir irá me aliviar um pouco a situação, mas é um tanto difícil.

Estou num hotel em Montparnasse (Hotel Libéria) Rue de la Grande Chaumière Nº 9. Bem defronte, está a academia de Grande Chaumière que você já deve ter ouvido falar. A familia Takaoka moram à alguns quarteirão uns 8 minuto daqui. Hontem comemoramos o primeiro aniversario de chegada à Paris, num restaurante chinez que você irá gostar muito tenho certeza. Com a greve tive que comprar bicicleta (cr$ 400,10) usado assim, eu e Jorge vamos aos Museus, e damos giro em Paris é nesta modalidade de conduçaõ. Aliaz todo mundo anda de bicicleta ví outro dia na estatistica que só na França há 12,000,00 de ciclistes. De 5 dias para cá tenho andado só, porque o nosso amigo Jorge sofreu acidente de bicicleta, mas felizmente não foi grave uns pontos na boca, e uma pancada na testa. É preciso tomar muito cuidado... Você sabe andar de bicicleta? Eu nas bicicleta? que custa baratissimo, comparando com os preços do Brasil. Almir Nascimento que já deve estar de volta fez giro da Europa numa motocicleta, e nem sabia andar quando comprou (segundo Jorge).

Outra coisa importante: traga menos coisa possivel si você receber a verba em dolar, vestimentas (ternos) não são caros até mais barato que no Brasil... as malas são bem baratos aqui e bons.

Eu trouxe demais, o que atrapalhou-me muito à viagem através a Italia, este negocio de transporte, alfandega é uma chateação.

Coisas que podem trazer: sapatos (aqui custa 3 a 4 mil cr muito caro) pincéis de pelo de marta, você que gosta de chá traga bastante chá preta e chá japoneza (branca) si puder, [redacted]. Sobretudo grosso poderá comprar aqui. Não esquecer os livros de sobre technica de pintura (Max Doner). Importante: trazer bastante vitaminas A.B.C.D. etc. em complexo. Creio que é só o que lembro no momento. Para não sentir o enjoo na viagem, tome Xamamina antes da viagem (uma hora) e batata. Bem as impressões de Paris não irei contar porque é muito longo e, como nós veremos, logo suprimi-o.

Carta de autoria de Flávio Shiró Tanaka
Paris, 24/10/1953

Vôce virá diretamente à Paris ou vaes passar na Italia? Nós pensamos que melhor vôce viz diretamente à Paris, e no ano que vier daremos o giro da Italia todos juntos. Nós: eu e Jorge que conhecemos bem a Italia e Ouvido que poderemos fazer com itinerario feito. Poderemos tambem vêr a Espanha e outros paises Holanda, Alemania, etc.

A vida em Paris começará a movimentar só lá pelo meado de setembro creio que vôce chegará na tôa época.

As folhas das alamedas já começam a amarelecer e e cair sopradas pelo vento de outono que já anuncia-se proximo. Escreva-nos comunicando o dia da chegada à Paris que nós iremos esperar-te na estação.

Aguardando à sua chegada envio
um forte abraço

Shiró Tanaka

(P.S. Queira informar-se se há possibilidade de volta do cambio oficial para os estudantes, e os seus pormenores. Por fâvor.)

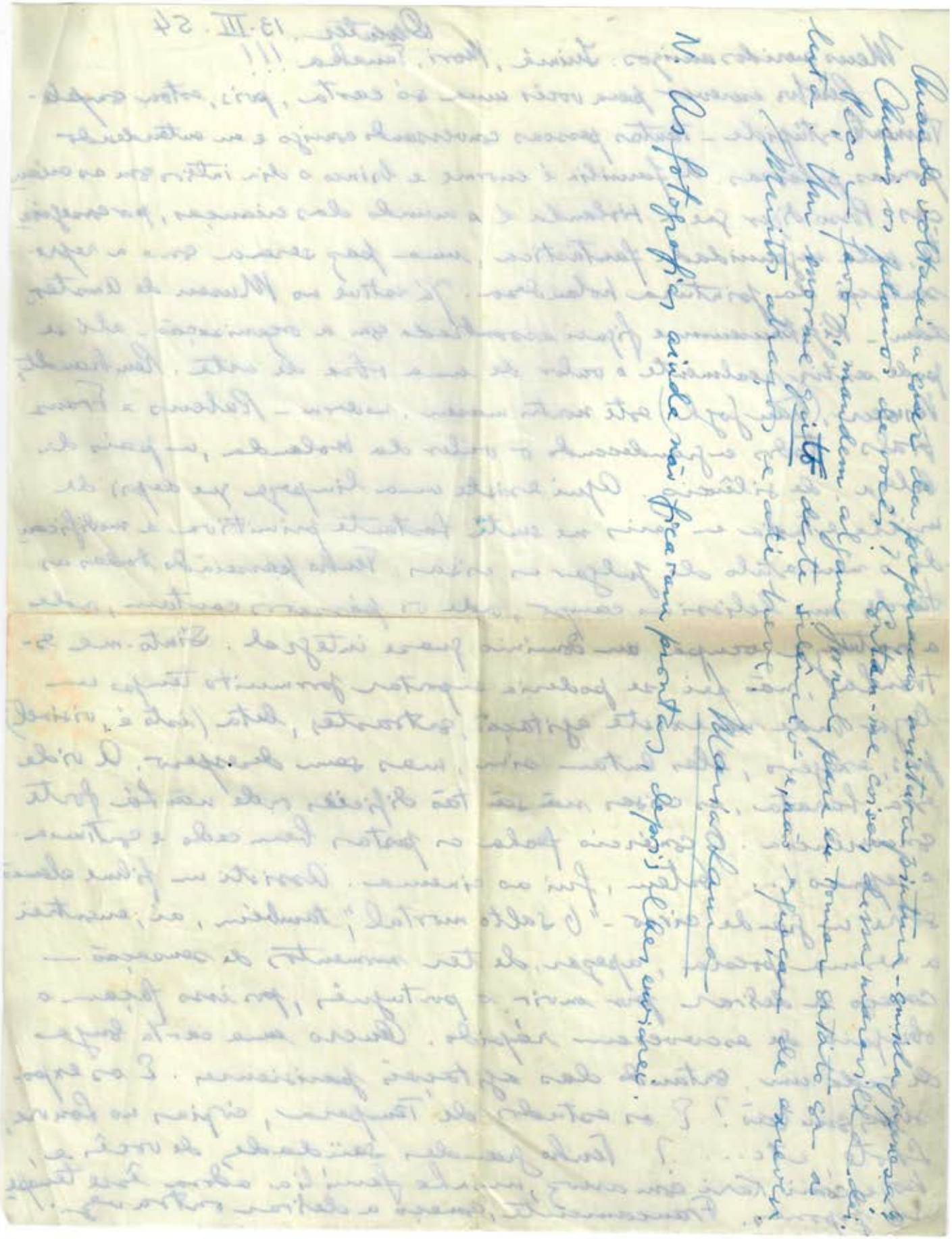
Carta de autoria de Flávio Shiró Tanaka
Paris, 24/10/1953

Deventer, 13-III. 54

Meus queridos amigos: Tsuneá, Mori, Tanaka !!!

Resolvo escrever para vocês uma só carta, pois, estou completamente estúpida – tantas pessoas conversando comigo e eu entendendo poucas palavras. A família é enorme e brinco o dia inteiro com as crianças. Posso dizer que a Holanda é o mundo das crianças, por conseguinte, uma inocência fantástica, uma paz serena como a representação da pintura holandesa. Já estive no Museu de Amsterdam – Rijksmuseum e fiquei assombrada com a organização – ali se pode sentir realmente o valor de uma obra de arte. Rembrandt, Vermeer, (Van Gogh) este nosso museu, moderno – Rubens e Frans Hals, todos engrandecendo o valor da Holanda, um país de beleza, de silêncio. Aqui existe uma limpeza que depois de minha estadia em Paris me senti bastante primitiva e modificando o meu estilo de julgar as coisas. Tenho passeado todas as tardes nos belíssimos campos, onde os pássaros cantam, onde a natureza ocupa um domínio quase integral. Sinto-me estranha, não sei se poderia suportar por muito tempo um lugar onde não existe agitação, contrastes, luta (isto é, visível) pois, exagero, êles lutam sim, mas sem desespero. A vida está barata, as coisas não são tão difíceis onde não há forte concorrência. O comércio fecha as portas bem cedo e continua o repouso... Ontem, fui ao cinema. Assisti um filme alemão sôbre um grande circo – "O salto mortal", também, aí, encontrei a mesma poesia, apesar, de ter momentos de sensação — Começo a delirar por ouvir o português, por isso façam o obséquio de escreverem rápido. Quero uma carta longa de cada um, contando das agitações parisienses. E os exposições, como vão? E os estudos de têmpera, cópias no Louvre, Lhote, etc... ? Tenho grandes saüdades de vocês e, hoje, comi kari com arroz, minha família adora êsse tempero japonês. Francamente, começo a delirar outra vez.

Carta de autoria de Maria Laura
Deveutes , 13/03/1954



Carta de autoria de Maria Laura
Deveutes , 13/03/1954

Amigo Inina

Paris 18-6-1953

Recebi a sua última carta e passo a escrever-lhe com atraso, devido às mil coisas que me impede de todo fazer, pintar, escrever etc... É o meu problema que tenho a resolver e estou há 3 meses a resolver: quarto conveniente para morar (- grande, barato e bem iluminado).

Enfim o nosso amigo Caralha deve ~~ter~~ estar para embarcar pois escreveu-me há cinco dias que pegaria o vapor no dia 20 próximo. Pena que não pude escrever-lhe, pois a carta que êle me enviou chegou muito atrazado e devia escrever-lhe dando notícias minhas e informações sobre a viagem que fiz em Itália. Espero porém que êle me envie logo que chegar a Genova.

E você, quando virá? Veja se resolve o mais rapido possível com tudo isto e pega o vapor...

Quanto ao cambio, deram-nos o cambio oficial até o próximo mês de Julho. A você, será que darão o cambio diplomático? Faça todo o possivel para ganhar. Paris está a sua espera e aqui estou para apresentá-la. Mudando de assunto, com esta mudança de cambio, aconselho trazer tudo que possível, roupas e materiais de pintura, pois tudo aqui é mais caro.

E o sr. Kamiragai, como vae? Onde estará andando? E a Rozita?....

Mande-me lembranças ao Nagumara e dona Flora, quando os ver. Escreva-me sôbre os movimentos por aí, principalmente a da Bienal de São Paulo.

Bem, aguardo sua decisão, data de partida etc.... e tudo que precisar de mim, aqui estou às ordens

Forte abraço de. Jorge Mori

Carta de autoria de Jorge Mori
Paris, 18/06/1954

CORRESPONDENCIA
DEL PERSONAL MEDICO

AMOR SCIENTIA QUE INSERVIANT CORDI
MEXICO
INSTITVTO N. DE CARDIOLOGIA

AVENIDA CUAUHTEMOC Nº300
MEXICO, D.F.

3/8/54.

Presado amigo Inimá.

Realmente com imensa satisfacao lí sua carta que me chegou as maos no domingo pela manha.
A surpresa foi maior ao verificar que a carta tardou unicamente dois dias a chegar aquí o que serve de testigo a eficiencia do correio frances.Em geral minhas cartas tardam cerca de 10 dias a chegar ao Brasil.
Já anteriormente o Danilo me havia escrito que voce estava de malas prontas para embarcar para a Europa.
Vejo que já leva bastante tempo aí em Franca e que teem aproveitado bastante,o que me causa bastante praser.
Eu tambem já estou cerca de tres meses e meio aqui no Mexico a mais do primeiro ano que se cumpriu em Abril deste ano.Em Abril do ano entrante vou ao Brasil mas regresarei para continuar aqui mais um ano.Assim pois estarei aqui quando voce vier a México.
Alias estou seguro que aqui será o ponto em que voce terá maior aproveitamento da sua bolsa de estudos. Estou seguro mesmo que o Mexico será o melhor paiś do mundo para um verdadeiro temperamento artístico como o seu.
Lhe posso garantir que aquí como em nemhuma outra parte do mundo terá voce ocasiao de expandir seus conhecimentos artísticos de uma forma inesquecivel.
No momento em que lí sua carta e que voce manifestou o desejo de vir aqui pensei logo que seria uma viagem destinada a ser lembrada por toda sua vida.
Verá voce muraes fantasticos de Diogo Rivera na ocasiao em que estava ele em pleno apogeu.A cidade univresitaria é uma obra arquitetonica verdadeiramente revolucionaria em que agente nao sabe o que aprecair mais se a obra de arte extraordinaria sobre a forma de muraes ou a arrojada obra de engenharia que nao encontra rivalidade em todo o mundo.
Há tambem uma serie de cousas extraordinarias que nao tiveram ainda a mao do homen para transporta r para a tela como é o caso das ruinas de Palenque.
Para um espírito como seu estou seguro que nao deixará de ir a este lugar.Até hoje me consta unicamente que a pintora Pilar Puig foi uma das unicas a ir a este lugar.
Tive eu oportunidade de ver seus desenhos que fez lá e fiquei realmente impresionado com a perciosidade do materail que trasia e que nem os arqueólogos sabem explicar ao certo seu significado.

Carta de autoria de Dirson
Cidade do México, 03/08/1954

CORRESPONDENCIA
DEL PERSONAL MEDICO

AMOR SCIENTIAE ET INSERVIANT CORDI
MEXICO
INSTITUTO N. DE CARDIOLOGIA

AV. CUAUHTEMOC Nº 300
MEXICO, D. F.

Teve ela bastante valor pois para ir a este lugar é como desbravar nossos sertoes virgens.Esta pintora,de nacionalidade espanhola foi uma das boas amisades que fiz aqui em Mexico,fasendo inclusive um quadro com as bandeiras dos paisers dos medicos que aquí estao com béca de estudos.
O ambiente artístico aqui segundo me falou uma Dra que reside aquí no Instituto e que é comunista practicante é bastante reacionario.Nao sei ao certo o que ela quis dizer com isto de ser reacionario.
Os pintores sao bastante bons,como é o caso de David Alfaro Siqueiros,José Chaves Morado,Raul Anguiano,Rufino Tamayo, Clemente Orozco e outros.
Realmente sendo bom artista nao falta inspiracao,desde os motivos banaes de todo o mundo até a graca dos bailados tipicos,os passes magistres de toureiros famosos,os trages de uma tipicidade que encanta,o encanto das fisionomias das mulheres,as ciades com seus aspectos típicos alguma das quaes parecendo muito com a nossa Ouro preto como é o caso da cidade Tasco,cujo comercio tem como originaliade ser unicamente constituido de venda de prata.
Ademas quando voce vier aqui terei eu muito praser em levar a voce a conhecer ao país pois já terei comprado meu carro.
Estive procurando a revista que voce encomendou-me mas infelizmente nao encontrei.Domingo,que é o dia em que disponho de maior tempo irei procurar com mais cuidado e estou certo que encontrarei.Mande-me pois seu endereco nas diversas partes que vae estar e receberá sempre com muito praser para min sua revissta.Nao deixe pois de enviar pronto seu endereso no próximo país em que vá estar.
Aquí em Mexico a ocasioes em que lastimo nao ser pintor para transportar para a tela as maravilhas que vejo e que nao esquecerei jamais.Como nao posso me limito unicamente a fotografar tendo para tal já adquirido uma excelente ma-quina para esta finalidade.
Em cartas posteriores que lhe escreverei vou descrever para seu conhecimento a vida aquí como é.
Aquardando umabreve resposta do seu próximo endereco para a remessa da revista aquí fica o amigo de sempre que espera poder ter o praser de estreitar em um forte abraco este brilhante pintor,lídimo representante dacúltura artística moderna do Brasil.

DIRSON

Carta de autoria de Dirson
Cidade do México, 03/08/1954

Ende-
reço: Luiz Guimarães
Av. Mal. Câmara nº 310
9º andar-S/904
FISCALIZAÇÃO DO
I.A.P.I. - Rio de
Janeiro - D.F.-BRASIL

1947?

Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1954.

Amigo Inimá

Inesquecível professor:

Faço votos de muita saúde e trabalho.

Antes de mais nada, todavia, quero saudá-lo por mais um transcurso do seu ANIVERSÁRIO. Salve o dia 7 de dezembro!!

Nêste dia, beberei uma cachacinha bem brasileira (é pena que você não esteja presente) à sua saúde! Em espírito, como acontece agora, você está aqui, conosco, na saudade de nossa convivência antiga. Ferdy, Aladyr, Joel, Benjamin e outros não o esquecemos. Quando você d que estevê no Louvre ou em Sevilha , ou em Madrí, todos nós compartilh de mútua alegria, como sendo nós os mais diretos beneficiários de tudo. Confiamos em você, Inimá, tanto quanto antes de que você, na volta, sab nos transmitir tudo que aprender e desenvolver nessa sua viagem de estu A sua honestidade provada nos faz pensar assim com toda a confiança.

É bem doloroso a gente ficar muito tempo fora do convívio natu mas no seu caso, é uma felicidade. Aproveitar, Inimá, não é o meu conse lho, pois conselho eu só paso pedí-los a você, e sei que você não nos n gará sua orientação. Estamos a sua espera, caríssimo amigo, e mos ter de aguentar ainda um ano mais, de saudade. Assim sendo, Inimá no correr de mais um aniversário seu, só posso lhe dedicar estas palavr do fundo do coração: TRABALHO, SAÚDE E TRANQUILIDADE.

Quanto a mim, vou navegando. Êste ano foi mais um ano de ex riências e a preensões. Luto por conseguir sair da mediocridade e come a fazer algum bom trabalho. Sua ausência me prejudica muito. Todavia, procuro aplicar suas aulas inesquecíveis nos trabalhos que realizo.

O acontecimento mais notável no setor plástico no Rio (ou me no Brasil), foi a mostra de pintores seiscentistas e setecentistas ital nos "De Caravaggio a Tiépolo". Extraordinário!

Sem me prolongar mais, aproveito o ensejo para desejar-lhe, a par do transcurso do seu aniversário, muita PAZ e ÊXITOS SEMPRE CRESC

Inimá: Deixe de "marmelada": Quando mandar um cartão para o Ferdy (Carneiro), co loque um outro para mim. Tá legal?? (Não leve a mal). Abraços. Guima

Carta de autoria de Luiz Guimarães
Rio de Janeiro, 03/01/1954

Rio, 26-12-54

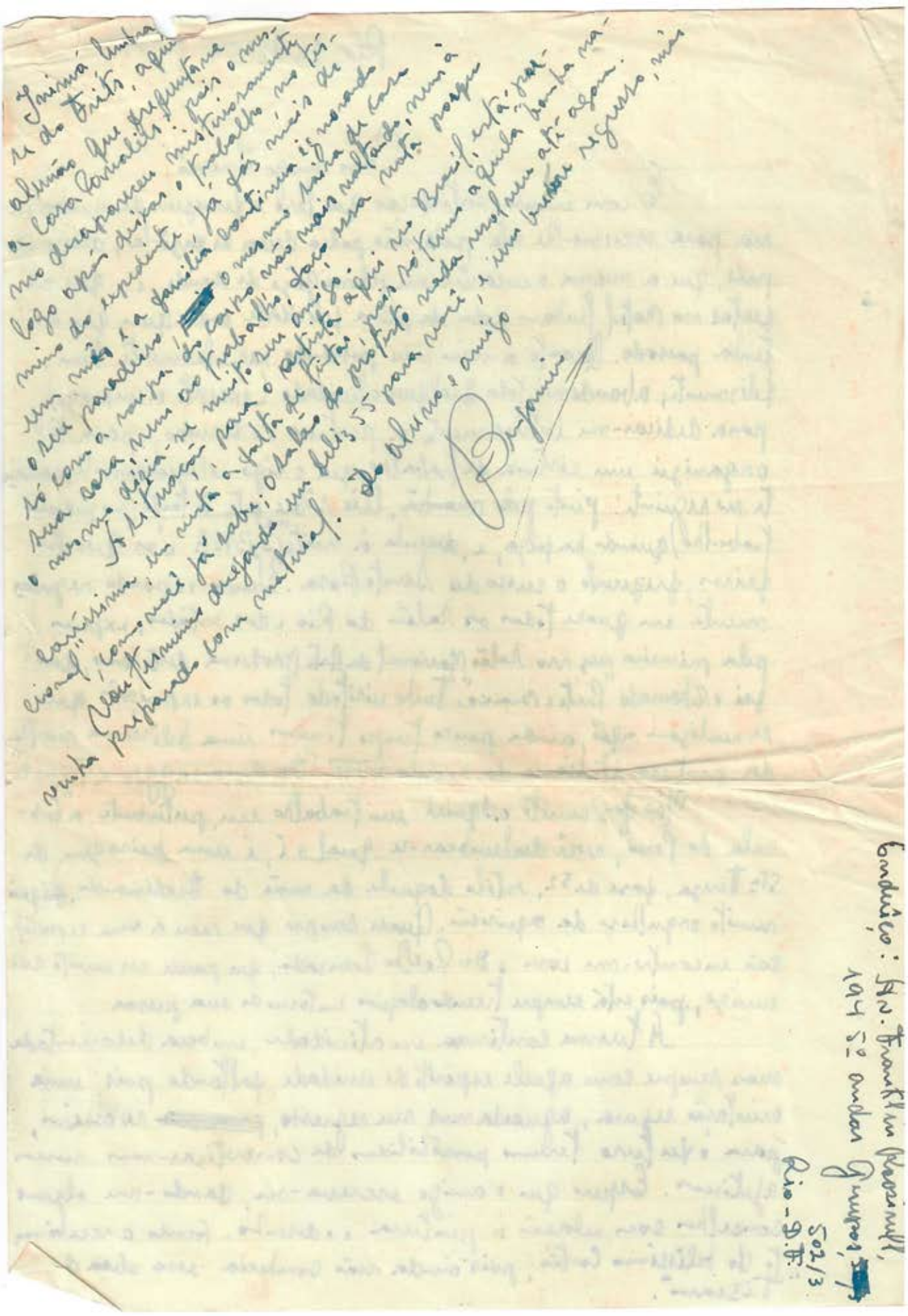
Caro amigo Inimá.

É com imensa satisfação que tiro a ferrugem de minha pena para escrever-lhe esta, pois não podia deixar de fazê-la, desejando pois, que a mesma o encontre em pleno gôzo de saúde, e, que as festas no Natal tenham sido de plena felicidade onde quer que as tenha passado. Quanto a mim vou passando regularmente bem, felizmente; abandonei toda qualquer atividade (excepto o emprego) para dedicar-me inteiramente a pintura e o desenho, para tal organizei um sistema de trabalho, que o sigo religiosamente, consiste no seguinte: pinto pela manhã, leio sôbre arte à tarde (no proprio trabalho) quando ha folga, e, desenho à noite na SBBA e às quartas feiras, frequento o curso do Santo Rosa. Venho expondo regularmente em quase todos os Salões do Rio e dos estados, expus pela primeira vez no Salão Nacional de Arte Moderna deste ano, que foi o chamado "Preto e Branco". Tenho visitado todas as exposições que se realizam aqui, ainda pouco tempo tivemos uma belíssima mostra da pintura italiana, do seculo XVII, "Da Caravaggio a Tiepolo".

Não faz muito adquiri um trabalho seu, pertencente a "Escola do Povo", você deve lembrar-se qual o é, é uma paisagem de Sta Tereza, fase de 52, estilo daquele da mãe do Ferdinando, fiquei muito orgulhoso da aquisição. Quase sempre que vou a uma exposição encontro-me com o Dr. Coelho Lourzado, que parece ser muito seu amigo, pois está sempre tecendo elogios em torno de sua pessoa.

A turma continua em atividade, embora desorientada mas sempre com aquele espírito de unidade, faltando pois, uma orientação segura, aguardamos seu regresso, ~~para~~ se assim, para o futuro teremos possibilidades de concretizar-mos nossos ajetivos. Espero que o amigo escreva-me, dando-me alguns conselhos com relação à pintura e o desenho. Acuso o recebimento do belíssimo Cartão, pois ainda não conhecia essa obra de "Tiziano".

Carta de autoria de Benjamin Silva
Rio de Janeiro, 26/12/1954



Carta de autoria de Benjamin Silva
Rio de Janeiro, 26/12/1954

Paris, 6ª feira, Março 55.

Presa do Juimá.

Não sou pessoa que desanime assim no mais. Por isso, volto a carga contigo. Tanto em Malmö como no teatro de Copenhague, falei com eles e desejam fazer ballet brasileiro. Vim aqui buscar Musicas do V. Lobos e do Siqueira; o Come mandou a Salamanca do Jarau. Quero que você me desenhe ideias para cenarios e costumes - si interessarem, pediremos os cenarios. São estes:

Costumes:

- Uma figura de india Amazona
- Um bandeirante
- A Deusa do Lago (para a qual dansam as Amazonas
- Muiraquitás - mulheres - pedra
- Jurupari
- Curupira (corpo coberto de pelos vermelhos, rato no estomago
- A Garça Morena
- Lobishomem.
- Boitatá
- Vasos de ceramica marajoara

Carta de autoria de Desconhecida
Paris, Março de 1955

Cenarios:

1- Lago o Espelho da Lua. (prateado, areias douradas, sobre montanhas. Orquideas, outras flores, pedras, vitorias Regias. Luar, esplendor.

2- Morada das Amazonas na Serra da Lua Vê-se o lago ao longe. Noite.

3. Floresta Virgem. Avistam-se a Serra da Lua com o lago.

Si você precisa de livros e fotos de informação, tenho uma quantidade que posso pôr à disposição nos dias em que trabalhar nisso.

Pode me telefonar de manhã até 10hs, da 1as 2, das 7 as 8.30.

São apenas ideias, não precisa fazer coisa definitiva, que leva tempo e no fim não sai, como da outra vez.

Pode telefonar a TRinite, 62 31 endereço 51- Rue de la Bruyère, 9e.

Com muitos abraços, a amizade da

Carta de autoria de Desconhecida
Paris, Março de 1955

Hirtenberg 12 Juli 1955

Querido Juinéa!

Recebi tua carta com grande alegria. Ótimo tudo. Vou esperar a chegada de vocês por aqui, não? Mori falou-me de uma viagem até a Áustria e imagino que tu virás também, antes da ida à Itália. Vás encontrar a Itália na mais bela época, cheia de sol!

Eu tenho muito que contar, porém espero outro encontro. Não sei se mudarão o meu embarque, agora foi a Companhia. Não posso ir com vocês. Plimo irá dia 22 de Set., tu no Grulho Cesare e eu lá por Portugal, dia 1º Setembro. Formidável será a primeira reunião dos pintores no Rio. Recebi carta longa do Otávio, está trabalhando muito. A vida está dura por lá. A situação vai melhorando. Estou mais otimista do que nunca. E Tanaka casado. Acontece tudo tão depressa. Mas ficará em Paris? É pena perdermos um bom camarada, um talentoso jovem. Talvez volte também, não há terra como a nossa!!! principalmente qdo se deseja construir.

Desculpe Juinéa a demora do pagamento do Botelho, quiz escrever muitas vezes para perguntar se tudo estava em órdem, qdo recebo um cheque dêle de 60 dls para pagar tudo, a ~~minha~~ sua dívida para conosco. Fiquei furiosa e já lhe mandei dizer o qto êle

Carta de autoria de Maria Laura Hirtenberg, 12/07/1955

precisa pagar a ti. Já recebeste alguma satisfação desse malandro? Já te pagou?
Flávio está bem, amando, voltando para o Brasil cheio de compromissos.
Tu estás pouco de ti. De teu trabalho na Escola de afresco sobre pelo Mori.
Vi a Escola em Berlim, lembrei-me de você. Aquele ambiente de organização, de reação, impressionou-me bastante. Outra coisa ser artista numa democracia assim!
Mas, tudo contarei depois. Estou com pouquíssimo tempo. Tenho escrito mas de pé desenhado, isso não é bom.
Gostarias de enviar alguns desenhos para o Suplemento da Juventude? Eu recebi umas xilogravuras de casa e estou vendo se consigo fazê-las melhor.
Escreva mais e não esqueça de passar aqui antes da ida à Itália. Avisa-me que irei até Wien esperar na Estação.
Um grande abraço

Maria Laura

Carta de autoria de Maria Laura Hirtenberg, 12/07/1955

Boulogne 23/2/1956

Caro Inimá

Acho bastante estranho que quaze a maioria dos amigos que partem de volta ao Brasil esquecem dos amigos.... Talvez que as multiplos problemas de entrar de novo na "engranagem" seja o fator deste silucio, mas não creio que dure tanto tempo para esperar a vêz de "pular na corda". Eu estava crente que vôce ainda estava na Italia não faz muito tempo; quando um belo dia aparecendo ao consulado dá-me o seu cartão que já estava mofando no canto da gaveta da Dona eu carregada que nem deu trabalho de mandar-me apezar de saber o meu enderesso. Soube tambem pela minha sogra, que vôce estava vivo e vivissimo no hall de Mesbla, e isto fez com que me sentisse menos preocupado com o desaparecimento do nosso amigo bom. Não sei se vôce sabe a nova que eu já sou pae respeitavel de familia! Imagine vôce como corre o tempo. O menino chama-se Josué e já tem quaze 4 kilos. Ele veio ao mundo no dia 8 de janeiro, via cesariana pois o cabeçudo não quiz vir normalmente só porque a mamãe era fã do parto sem dôr.

Carta de autoria de Flávio Shiró Tanaka
Boulogne, 23/02/1956

Felizmente tudo passou bem como se vê, e agora tudo vae de vento à popa.

Falando de atividade artistica, depus num salão organisado ala Bienal 3 trabalhos no Museu de Arte Moderna, e recebi citação no Le Monde e no Informations.

Ultimamente trabalho bastante, e mudei bastante tambem. Se tiver oportunidade de vêr a Gazeta[1] de S. Paulo, verá que nada nesta nada de aquelas composições com animais que andava fazendo na litografia.

① A reportagem é do critico muito serio de S. Paulo Walter Zanini que vendo meus quadros na dita exposição, veio me procurar. Creio que sairá num dia destes: verei se consegue.

Concorri num concurso de "affiche" lourismo na França e imagine que o meu projeto foi escolhido entre os 10 melhores já garantindo 30,000 francos. Agora tenho que executar-lo o mesmo no tamanho maior para então vêr a "negra" que decide a bolada de 500.000 fcs. Vamos vêr se isto dá....

Meu irmão passou por aqui, e agora está na Italia (Milano) e depois irá à Roma. Hoje fui vêr à retrospectiva do Nicolas de Staël o jovem (40) artista de temperamento

Carta de autoria de Flávio Shiró Tanaka
Boulogne, 23/02/1956

Vangogeano que suicidou-se não faz muito tempo. Curioso que o destino final foi quase o mesmo a de Van Gogh.

O que impressiona neste pintor e o vigor quase exasperado que transparece nos seus ataques com tintas de camadas espeças e côres violentas mas limpidas na ultimas fazes.

Em resumo senti nele um pintor que reconcilia o abstrato e figurativo num quadrado de tela. Realmente foi grande pintor. Origem russa, estudou na Belgica e teve vida das mais agitadas possiveis.

Lendo uma das cartas dele espostas, vi a mesma drama, sentido pelo Van Gogh.

Fala-se dele no Brasil? Valia pena de ler um ou mais trabalhos dele nos museus por ali.

Bernard Buffet está cada vêz mais negociante, e por isto menos bom cada vêz. Com seu Roysroyce e chauffer, o rapaz rabisca de olhos fechados para ser apreciado como sendo o tal.

Escreva-me como está tudo por ali o que andas fazendo pois não estou ao par dos acontecimentos artisticos (se ela existe)

Um forte abraço do Shiro, Beatrice abraços a Luiz Cosme e amigos. e Josué.

Carta de autoria de Flávio Shiró Tanaka
Boulogne, 23/02/1956

Boulogne 5/5 1/12/56

Caro Inimá

A ideia de enviar a resposta da sua carta atrasou um pouco pois queria que esta seguisse junto com o convite da minha exposição.

Fiquei bastante contente que vôce conquistou logo de cara um premio, o que confirma as qualidades que sempre admirei em vôce.

Deiche esta gente discutir a eterna polemica da abstração x figurativo, que a conversa mesmo que seja bôa morre enquanto a obra que suscitar contravercias nas camadas reacionarias da arte marcarão a época em que vivemos. Não tenho idea do seu trabalho, mas acredito que é bom. Se tiver fotografia envia-me um. É pena que a resposta de minhas cartas chegam demasiado atrasado, o que corta o fio da conversação mais interior. Como se vê creio que quando esta estiver nas suas mão, a 1ª exposição meu estará aberta para ser impiedosamente criticado.... No mundo de arte e no outro tambem não podemos escaper ~~as~~ aos bajuladores, chatos, cabotinos e aqueles que andam com olheiras de burro, ~~que acham o que~~. O meu convite foi feito em linoleo 2 chapas, e 1 preta em madeira.

Mandar 2.000 convites não foi sopa não.... é humanamente impossivel fazer exposição cada ano como certos laes da pintura.

Bandeira expõe na Galeria Loeb; fui na vernissagem bem concorrida. Está tentando de fazer diferente, mas não é tão diferente como antes. Elle tem o cachet Bandeira. Por aqui te deixo com um forte abraço e não esqueça de enviar a resposta. Os Tanaká Shiro e Beatrice.

Carta de autoria de Flávio Shiró Tanaka
Boulogne, 01/12/1956

Prezado amigo Jiniá

Acabo de reler pela néscima vez a tua carta de 4 de Setembro a qual passo a responder.

Encontrei-me ontem por acaso com a família Tanaka (o pai, a mãe e o pimpolho) na esquina da rue Vaugirard com a Notre Dame des Champs. Estava voltando do Jardim de Luxemburgo, em companhia do Yamaguchi, José Maria (jovem pintor, filho de Marques Rebelo) e uma francêsa Kimiko; comemoramos assim o belo sol de primavera, este ano precoce e isto me proporcionou grande satisfação sobretudo que há duas semanas encontrava-me acamado num quarto do Hospital da Cité Universitaire em consequência de uma segunda crise de estômago, que se revelou ser uma úlcera benigna do estômago. É cruel, sob regime alimentar rigoroso e injeções de medicamentos modernos. Nada comuniquei à minha família e peço não "espalhar". Sairei dia 12 próximo do hospital para continuar fora o tratamento.

Esta doença veio interromper os meus trabalhos que desde que sairei do hospital, vou retomar com entusiasmo maior. Continuo afinal o trabalho na mesma direção que tomei há três anos isto é na ocasião que senti necessidade de melhor estudar os antigos no Louvre. Tenho tido notícias tuas por intermédio do jornal "Para Todos" que o José Maria assina; gostaria de receber porém detalhes sobre as tuas atividades no campo da pintura como no de mosaico. Tens visto o Plínio? Foste encontrar Paulo no porto do Rio? Que projetos tens? Ainda a "Escola do Povo", continuas lá ensinando?

Eu pretendo ainda ficar na Europa dada a minha idade ainda pouco amadurecida (eu o reconheço) como por tanto que tenho que aprender tanto aqui como no oriente onde continuo com projetos de passar.

Pretendo participar este ano ao Festival de Juventude e

Carta de autoria de Jorge Mori
Boulogne, 10/03/1957

que se realizará em Moscou. Pouco espero porém de lá encontrar mudanças ou coisas interessantes no campo das artes plásticas (sobre isto, basta perguntar à Laura o que ela e eu vimos na ocasião do Festival em Varsóvia).

Gostaria porém, aproveitando este próximo "festival", de tentar obter um convite para ir à China Popular e lá visitar os monumentos e obras tradicionais que são verdadeiros "avangardistas" da arte oriental em geral ou melhor dito o "berço" da civilização oriental. Para tal, gostaria que tu me ajudasses, informando-me quais as possibilidades e a quem me dirigir. Vou escrever também ao Takaoka para que me ajude também.

Estou certo que o "pessoal" aí deve interessar-se em mim, na qualidade não unicamente de pintor como de brasileiro de origem asiática (nisei) levando em mim o sentimento da raça brasileira assim como a simpatia e afinidade pelo que concerne o oriente.

E a Laura, como vai? Logo que entrei no hospital escrevi uma carta a ela. E o Flávio, tens visto?

O grupo brasileiro de Montparnasse diminuiu muito (digo de Montparnasse pois na Alliance Française e Cité Universitaire tem muito). No Liberia tem o José Maria, casal Fred e o casal Dr. Barreto.

Por coincidência, o Dr. Barreto (você deve se lembrar logo) é o médico da Bahia, da cidade de Itabuna, onde você esteve quando viajou com o Prêmio de Salão (viagem pelo Brasil). Encontrei também o irmão dêle (pintor) que já voltou ao Brasil. O Dr. Barreto é agora o seu médico particular embora seja especializado em ginecologia. Ele estudou aqui o método soviético de "parto sem dôr", resultado dos princípios de reflexo condicionado elaborado por Pavlov.

O Carelli também ainda está por aqui e não se decide em voltar. Êle trabalhou na "Gazette de France" com o Melano e agora parece que não se dão muito bem.

Carta de autoria de Jorge Mori
Boulogne, 10/03/1957

A conduta da equipe formada por Milano veio confirmar certas apreensões e previsões minhas. De outro lado, vejo melhor os problemas e as dificuldades que uma equipe traz em si, principalmente em regime capitalista, isto é, antes de tudo o problema de interesse econômico de cada um e a rivalidade consequente.

Não sei qual seja o teu ponto de vista atual, porém é um problema interessante a discutir, sobretudo que todos nós estamos interessados em mosaico (o que quer dizer necessidade de formação de equipe)

E o Plínio, tens visto o que anda fazendo? Enquanto isto, dedico-me exclusivamente à pintura de cavalete. É o remédio único.

Quanto ao livro de Cennini, ficaria muito agradecido se me enviasse um exemplar (em espanhol ou em italiano de preferência) por aqui não encontrei, por mais que procurasse. Na Itália também está esgotado.

Perguntei a Carelli se acaso ficou com ele o teu livro de Cennini (o que parecia-me que tu me dizias na última carta) porém ele disse-me que te devolveu.

Bem prezado "camarada", por hoje é só e espero em breve notícias tuas.

Considerações de ordem política? Creio que agora tudo vai melhor, canal de Suez será em mãos dos Egípcios, a Hungria em novos caminhos da socialização e democratização após a maior vitória da propaganda americana de após guerra.

Adeus e lembranças ao pessoal.

Forte abraço do teu

Jorge Mori

Paris, 10-III-57

Carta de autoria de Jorge Mori
Boulogne, 10/03/1957

ARQUIVOS HISTÓRICOS DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA BIENAL

MUSEU DE ARTE MODERNA

DE SÃO PAULO

RUA 7 DE ABRIL, 930 — CAIXA POSTAL 7517 — SÃO PAULO — BRASIL

São Paulo, 16/3/57

Prezado Senhor,

Temos o prazer de remeter-lhe uma ficha de informação que pedimos seja devidamente preenchida e devolvida para os nossos Arquivos Históricos de Arte Contemporânea.

Ficar-lhe-iamos gratos se nos enviasse também todo material fotográfico e bibliográfico (catálogos, publicações, referências) que tiver à disposição, para completar a pasta em seu nome que figura em nossos Arquivos.

Todos os dados deverão ser os mais completos e detalhados possíveis, não sòmente no interêsse dos que consultam os Arquivos, como também no seu próprio: solicitamos portanto a sua colaboração no sentido de continuar nos fornecendo no futuro tôdas as informações relativas à sua atividade artística.

Desde já agradecendo a sua valiosa atenção, subscrevemo-nos

mui atenciosamente

Arquivos Históricos de Arte Contemporânea da Bienal de São Paulo

TELEGR.: MODERNART BIENAL SÃO PAULO

1957 — SOB O PATROCÍNIO DA PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO (LEI N.º 4.813 DE 21 DE NOVEMBRO DE 1955)

Carta do Museu de Arte Moderna de São Paulo
Saõ Paulo, 16/03/1957

Boulogne S/S. 21/5/57 (1)

Meu velho Tuiuiú

Como vai as coisas por ai? Anteontem encontrei com a família Campofiorito, na casa do Kaminagai, onde como nas bôas épocas lá do Rio, ele convidou-nos para o Sukiyaki.

Você já deve saber, o Kaminagai encontra-se entre nós faz uns 5 meses, e o Campofiorito vem de chegar. Pois bem enquanto a gente ia enchendo gostosamente a pança, conversamos sobre diversos assuntos, inclusive de você. Soube então que você ate é grande artista e que fizeste um bonito afresco num banco, além do premio ferroviario, para o qual eu lhe mandei uma carta de felicitações.

O Campofiorito disse-nos que você melhorou bastante, e que a viagem por aqui foi de muito proveito. Se você tivesse ficado mais 2 anos, que na certa teria feito uma exposição individual aqui. Mas o essencial é que você trabalhe. O lugar não é tão importante assim.

Lamentamos ainda que nem sempre os premios de Viagem são aproveitados, por não encorajarem aos valores jovens de talento. O caso do pintor Carolo que anda distribuindo seus cartões postais do Rio nos bares de Montparnasse é um caso de emergencia para o Juris. Notadas?

Carta de autoria de Flávio Shiró Tanaka
Boulogne, 21/05/1957

Se tivesse sabido estas bôas novas de vôce e não dos terceiros, certamente que o contentamento seria ainda maior. Acho que não há nenhum mal entendido entre nós, para vôce não me responder a minha ultima carta. Não é?
O Mori diz que vôce escreve regularmente a ele, mas nunca contou o que quer que seja (ao menos que seja carta secreta....)
Falando dele, ele continua na maior paciencia a copia do Ocello, e mais 2 anos não será muito. Além disto arranjou uma pianista nissei para viver. Quem sabe em breve vôce irá receber convite para participação no casorio. Como se vê a febre de casamento entre os brasileiros continua....
O Bandeira vae voltar lá pelo agosto, e Edith Behering também. As más linguas daqui não perdem a ocasião para taxar estas viagens na vespera da Bienal de muito visivel manobra para cavar o premio." Pode ser que seja uma verdade, pode ser que não seja ♫ ♫ ♫ !....
Creio que vôce irá ganhar algo nesta Bienal só por merito do quadro. Eu mandei 5 quadros, e gastei uma pequena fortuna no despacho. Se tiver a ocasião de vêr na Bienal, que vo a sua opinião. Atualmente já mudei bastante, pois eu sou incapaz de seguir uma formula pré estabelecida. A emotividade

Carta de autoria de Flávio Shiró Tanaka
Boulogne, 21/05/1957

me transborda ~~os calculos~~.....

O nosso amigo Manuel escreve de vêz enquando. A ausencia prolongada do Sol faz ter uma saudade maluca lá de Sta Teresa, e das praias. Quem sabe darei um pulo no ano vindouro. Deus fez tudo na forma de compensação, quero dizer: não se pode ter todo, esta efervescencia artistica e ao mesmo tempo ter as praias e o sol.

Voltando ao Campo fiorito, ele disse sem se precisar bem que no Brasil as coisas quanto vão para o pior melhor é. Vôce que está no molho que entende por este paradoxo? Por aqui a situação está bem grave, e não está nada bom tudo isto.

Falando das atualidades artisticas, houve grandes exposições de escultura no M. A. Moderna: Lynn Chadwick que tem um mundo parecido ao do Marcelo. Do Pevsner em metal fio soldado. Nas galerias no momento vê-se Bazaine (Maegth) Za-wou-ki (Gal. France) Dubufet (Rive Droite) etc-etc. e um Cal de Yves Klein que com seus paineis inteiramente em azul, e em mesmissima forma faz falar meio mundo. Para mim é um bluff! Há por outra parte o Salão de Maio que diz ser o salão mais homogenio, mas que vê-se coisas horrorosas para citar Fougeron, Buffet (atual). Todos os casos os numeros de bons abstratos vae-se aumentando cada vêz mais. Há Cambém uma Biennal da jovém escultura e de pintura no pavilhão de Marsan. Acho que chamar de Biennal um salão como esta é um pouco pretencioso. O organisador Cartier é pro figurativo, portanto os abs-

Carta de autoria de Flávio Shiró Tanaka
Boulogne, 21/05/1957

tratos não estão bem representados. Também o lugar sendo minusculo para taes ambições, a gente sae de lá um tanto insatisfeito.

Convém notar que os participantes são na memória beirando 40 anos.

Em materia de espetaculos houve, e há coisas interessantes: Vi Opera de Quatre sous de Brecht com a troupe alemã, na festival anual de Teatro das Nações. Há no Marigny teatro de sombra chinês, que é uma das artes ~~no genero~~ mais antiga, e precursor do cinema sem duvida.

O Robert Kempf o critico do Mundo (academico agora) não gostou, só por que a musica que acompanha o espetaculo, arranhava o seu ouvido.

Ora veja só! Será que todos os imortaes da Academia fica imbecil? Caducos? Veja a premiação no festival de Cannes deste ano: a obra mais academica que ganhou o premio Loi du Seigneur de Wyler. Enquanto o Fellini Dassin, Bresson ficaram à parte. No juri os academicos Cocteau, André Maurois, Pagnol e alguns mais que não me vêm a memoria.

Bem a carta está ficando longa de mais, mas antes de botar o ponto, lhe pergunto se vôce não precisa algo daqui: material ou livro etc. Se faltar algo é só escrever que sempre haverá meios para chegar até ali. Conte comigo Inimá, pois a amisade só de étiqueta, para mim não é amisade.

(P.S. Se tiver a foto do afresco, mande-me um) Abraço do Tanaka

Carta de autoria de Flávio Shiró Tanaka
Boulogne, 21/05/1957

FICHA TÉCNICA

Fundação Inimá de Paula

Adriano Bernardes de Souza
Presidente do Conselho Diretor

Mauro Tunes Júnior
Vice Presidente do Conselho Diretor

Cláudia Faria Tunes
Diretora Adminstrativo-Financeiro

Eduardo Nelson de Senna
Diretor de Projetos e Eventos

Guiomar Lobato da Costa Cruz
Diretora de Ensino

José Oswaldo Miranda Júnior
Diretor de Planejamento

Nestor Francisco de Oliveira
Presidente do Conselho Curador

Andrea Victor Ferreira Lopes
Gerente de Relacionamento

Coordenação Geral

André Caviola
Coordenador de Arte e Educação

Lílian Sousa
Coordenação
Administrativo-Financeiro

MUSEU INIMÁ DE PAULA

Rua da Bahia, Nº 1.201, Centro.
Belo Horizonte - MG | 30160-011

fundacao@museuinimadepaula.org.br
www.museuinimadepaula.org.br

Amigos do Museu

Lei de Incentivo à CULTURA

Patrocínio:

Realização:

MUSEU INIMÁ DE PAULA

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DA CIDADANIA

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

MUSEU INIMÁ DE PAULA